

---

## A IMPORTÂNCIA SIMBÓLICA E ESTRATÉGICA DE TAIWAN NA GEOPOLÍTICA DO LESTE DA ÁSIA

Luiz Gonzaga Tawil dos Santos<sup>1</sup>  
lgtawil@hotmail.com

Bruno de Santana Silva<sup>2</sup>  
Brunosantana.silva@outloo.com

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a dinâmica geopolítica que envolve diretamente EUA, China e Taiwan tendo como pano de fundo o equilíbrio de poder no leste da Ásia. Aborda-se os dilemas de Washington em relação aos custos que o apoio à Taipei pode vir a acarretar, e como Pequim encara uma possível tentativa de independência de Taiwan. Utilizou-se como metodologia uma revisão bibliográfica de artigos científicos e livros. Como sistematização, optou-se por realizar uma introdução histórica das principais questões que levaram aos embates geopolíticos relacionados à Taiwan desde a colonização europeia, passando pelo domínio japonês, a fuga do Kuomintang para Taipei após a derrota para os comunistas, a recente democratização da ilha e as mudanças culturais e geracionais que vem transformando Taiwan e aumentando a tensão no estreito. Conclui-se que a partir do ponto de vista de Pequim não vai passar impune algo que ameace a sua unidade e integridade territorial, da qual Taiwan é parte por direito, estando expresso nos seus interesses vitais e nacionais contidos nos principais documentos estratégicos de defesa divulgados para o público externo.

Palavras-chave: Taiwan; Ásia; China; EUA.

### ABSTRACT

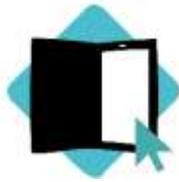
This article aims to analyze the geopolitical dynamics that directly involves the USA, China and Taiwan against the backdrop of the balance of power in East Asia. Washington's dilemmas are addressed in terms of the costs that support for Taipei may entail, and how Beijing faces a possible attempt at independence from Taiwan. A bibliographic review of scientific articles and books was used as methodology. As a systematization, it was decided to make a historical introduction to the main issues that led to the geopolitical clashes related to Taiwan since European colonization, passing through Japanese domination, the flight from the Kuomintang to Taipei after the defeat for the communists, the recent democratization of the island and the cultural and generational changes that have been transforming Taiwan and increasing tension in the strait. It is concluded that, from the point of view of Beijing, something that threatens its unity and territorial integrity, of which Taiwan is a rightful member, will not go unpunished, being expressed in its vital and national interests contained in the main defense strategic documents released to the external public.

Keywords: Taiwan; Asia; China; USA.

---

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Estácio do Recife. Bolsista PIBIC da instituição.

<sup>2</sup> Graduando em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Estácio do Recife. Bolsista PIBIC da instituição.



## INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado visa analisar a dinâmica geopolítica relacionada à Taiwan tendo como pano de fundo o equilíbrio de poder no leste da Ásia, além da batalha por influência e projeção de poder travada na região por China e EUA. Este trabalho foi realizado por meio de revisão bibliográfica de artigos científicos e livros. O texto se estrutura a partir da análise de pontos cruciais para os atores envolvidos, com especial atenção à questão do desenvolvimento pacífico chinês e os interesses vitais e nacionais de Pequim; peso simbólico de Taiwan para a China; histórico da relação EUA-Kuomintang-Taiwan; os riscos que a abertura democrática em Taipei representam para Pequim se materializando na Lei Antissecessão promulgada em 2005; a importância de Taiwan para os EUA no pós Guerra Fria; e os limites da atuação norte americana em eventuais conflitos no estreito.

O conflito China-Taiwan é um dos pontos mais sensíveis da história recente da região do Mar Sul da China. Taiwan, ou República da China, já havia sido colonizada por Portugal no século 16 e pelos holandeses no século 17, esteve sob domínio japonês de 1895 até o fim da segunda Guerra Mundial, quando forças antagônicas, comunistas e membros do Kuomintang<sup>3</sup>, disputaram o poder na China durante a Guerra Civil e consideraram que a ilha era parte do território chinês. Porém, quando os nacionalistas liderados por Chiang Kai-Shek perderam a Guerra Civil e fugiram para Taiwan em 1949, afirmavam que a República da China era governante de direito de todo o país, estando sediada em Taipei. Para os comunistas que triunfaram na disputa, após recuperarem o controle de Macau e Hong Kong, Taiwan simboliza o último estágio da Guerra Civil e o passo final da restauração da integridade territorial do gigante asiático, abalada desde meados do século 19, quando se iniciou o chamado “século de humilhações” (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

O “século de humilhações” é o período entre 1842 e 1949 em que a China saiu perdedora em diversas guerras tendo parte de sua soberania solapada nos “tratados desiguais” iniciados ao final da primeira guerra do ópio travada com a Inglaterra entre 1839-1842. Os comunistas consideram que esse período de degradação nacional se encerra com sua chegada ao poder em 1949, liderados por Mao Tsé Tung, após a guerra civil travada com o Kuomintang (GARON, 2016).

Em termos de segurança nacional, os líderes chineses consideram a localização de Taiwan perigosa para estar sob a influência de uma potencia rival, devido a sua proximidade com a China continental e seu potencial estratégico da região. Nesse contexto, a relação EUA e Taiwan se fortaleceu durante a guerra fria, quando Washington passou a instaurar bases na ilha, fortalecendo assim o governo taiwanês. A ameaça à soberania de Pequim na região foi o fator motivacional para que o PCC investisse cada vez mais em suas forças armadas.

### 1. Desenvolvimento pacífico *versus* Interesses vitais e nacionais

O ideal de um mundo harmonioso é para China tanto escolha estratégica quanto responsabilidade histórica em sua perspectiva de longo prazo. Através de meios pacíficos, Pequim almeja ser um país próspero em 2049 (ano do centenário da proclamação da República Popular da China). Aumentando gradativamente sua projeção de poder quanto sua

---

<sup>3</sup> O Kuomintang (Partido Nacionalista do Povo) foi fundado na China em 25 de agosto de 1912, teve sua origem na "Liga Revolucionária Unida" (Tongmenghui) fundada em 20 de agosto de 1905. Sun Yatsen esteve à frente da fundação de ambas organizações. Após a sua morte, Chiang Kai-shek assumiu a liderança do Kuomintang .



área de influência estratégica e diplomática, garantindo acesso aos recursos primordiais para continuar seu acelerado crescimento econômico e social, evitando confrontações desnecessárias com a maior potência global, os EUA. O então Presidente da República Popular da China, Jiang Zemin, em 2002 afirmou em relação às primeiras duas décadas do século XXI: “A China será dentro desta ‘janela’ uma potência defensora do *status quo* na ordem internacional, ainda que tal não impeça que possa ou deva procurar corrigir alguns dos seus déficits” (CARRIÇO, 2015).

De acordo com a grande estratégia chinesa, o seu projeto de desenvolvimento pacífico possui três etapas (CARRIÇO, 2015):

- ‘fase preparatória’, onde o país contribuirá para preservação de uma periferia pacífica e estável, prevenindo ações separatistas e garantindo a estabilidade interna;
- ‘fase de modelação’, quando iniciar o processo de recuperação de todos os ‘territórios perdidos’;
- ‘fase económica-estratégica’, na qual “a comunidade internacional aceitará a justiça e igualdade da nova ordem política e económica”, concretizando-se o ‘sonho da China/chinês’ de ser uma ‘superpotência’.

Pode-se observar que tanto na fase preparatória, ao mencionar a “prevenção de ações separatistas” e principalmente na fase de modelação, que pode se especular que é a que está a se iniciar, é central a política de “Uma China”.

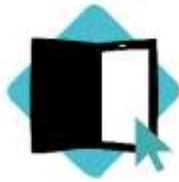
Ao se analisar a ‘Estratégia de Segurança e Defesa Nacional’ publicada em 2010, que descreve os “Interesses Vitais” do país como sendo: a preservação da estabilidade política do país; a defesa da sua soberania, segurança, integridade territorial e unidade nacional; e a garantia da continuidade de um desenvolvimento econômico e social sustentável, percebe-se novamente a política de “Uma China” em “integridade territorial e unidade nacional” (CARRIÇO, 2015). Por último, mas não menos importante, as ‘Novas Missões Históricas das Forças Armadas Chinesas na Nova Etapa do Século XXI’ de 2004, que representam a defesa territorial e a proteção do “interesse nacional” justificando formalmente a visão ideológica do Partido Comunista Chinês (PCC) em um eventual emprego do Exército Popular de Libertação (EPL) (CARRIÇO, 2015).

O documento incorpora as novas ameaças como os movimentos separatistas em Taiwan e mesmo dentro da China continental. São condensados na expressão por uma missão, quatro tarefas, são respectivamente: (1) reforço da lealdade do EPL ao Partido Comunista Chinês; (2) garantir a defesa da soberania, integridade territorial e segurança interna de forma a salvaguardar a continuidade do desenvolvimento nacional durante o importante período de oportunidade estratégica; (3) apoiar a salvaguarda dos interesses nacionais que se estão a expandir; e (4) promover a paz mundial e o desenvolvimento (CARRIÇO, 2015).

A ambiguidade nos objetivos e metas é a tônica nas publicações de estratégia do PCC, embora fique claro que a questão de Taiwan é inegociável, mas afinal, qual a real importância material ou simbólica que a ilha representa no imaginário coletivo chinês?

## 2. Peso simbólico de Taiwan para os chineses

Para a China Taiwan representa a última etapa na superação do que é conhecido como “século da humilhação”. Período entre o final do século 19 e início do século 20. De acordo com o *General Li Jijun*, do EPL, ao se dirigir ao público da Escola Naval do



Exército Norte Americano em 1997 (KANE, 2014):

*Before 1949, when the People's Republic of China was established, more than 1,000 treaties and agreements, most of which were unequal in their terms, were forced upon China by the Western powers. As many as 1.8 million square kilometers were also taken away from Chinese territory. This was a period of humiliation that the Chinese can never forget. This is why the people of China show such strong emotions in matters concerning our national independence, unity, integrity of territory and sovereignty. This is also why the Chinese are so determined to safeguard them under any circumstances and at all costs.*

O general *Li Jijun* deixa claro que a unidade, integridade do território e a soberania tocam fundo na alma da população chinesa, sendo Taiwan simbolicamente importante na superação do “século de humilhação”.

Em termos de segurança nacional, os líderes chineses consideram a localização de Taiwan perigosa para estar sob influência da maior potência mundial. Os japoneses, durante seu domínio, costumavam chamar a ilha de “porta aviões inafundável”. Os norte americanos, durante a Guerra Fria também utilizaram bases na ilha, com o consentimento dos nacionalistas do Kuomintang (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

### **3. Breve histórico da relação EUA-Kuomintang-Taiwan**

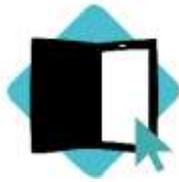
A relação dos EUA com a China tornou-se muito estreita com a chegada do Kuomintang ao poder e especialmente a partir da ascensão do Presidente Chiang Kai-Shek, um cristão convertido com fortes influências ocidentais representando o sucesso diplomático de Washington, que desde o final do século 19 enviara missões diplomáticas para a China na tentativa de moldá-la à imagem do ocidente. O ataque à Pearl Harbor, na Segunda Guerra Mundial, naturalmente colocou China e Estados Unidos como aliados frente ao Império Japonês (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

Não obstante, quando o Kuomintang foi derrotado pelos comunistas na China continental e fugiu para a Ilha de Taiwan, foi natural que esse bom relacionamento entre os nacionalistas chineses e os Estados Unidos permanecesse. No entanto, o Departamento de Estado norte americano, no começo de 1950, determinou que apesar da preocupação com a possibilidade das forças nacionalistas sediadas em Taiwan serem invadidas pelos comunistas chineses, não estava militarmente em posição de intervir. O que logo veio a ser revisto com a eclosão da Guerra da Coreia (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

A agressão da Coreia do Norte representava o expansionismo das forças comunistas, forçando o EUA a fortalecer os laços com seus aliados asiáticos. Esse estágio inicial da Guerra Fria culminou com o tratado de aliança com a República da China, sediada em Taiwan, em 1954, incorporando a ilha ao sistema de segurança coletivo sob o comando dos EUA no leste da Ásia (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

A partir de então, Taiwan se torna um parceiro estratégico vital do ocidente na política de contenção do comunismo internacional, abrigando bases aéreas norte americanas.

Com o arrefecimento da Guerra Fria e a aproximação diplomática dos EUA com a China, a ilha taiwanesa começa a perder o seu protagonismo como aliado estratégico para os Estados Unidos, levando ao fim, em 1979, o tratado de defesa mútua entre os Estados Unidos e Taiwan por exigência de Pequim (BUSH, 2016).



Os Estados Unidos encontrava-se em uma posição estratégica complicada, pois sabia que abandonar Taiwan a sua própria sorte repentinamente enviaria uma mensagem muito negativa aos seus aliados da região. Isso criou uma situação *sui generis* nas relações diplomáticas dos EUA, pois embora não tivesse mais, oficialmente relações diplomáticas com Taiwan, havia o compromisso político de suprir Taiwan com equipamentos de defesa para que a ilha pudesse se defender de possíveis tentativas chinesas de anexação (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

O congresso americano, preocupado com a continuidade do compromisso de segurança norte americano firmado com Taiwan, e temendo avanços da China comunista sobre a ilha, aprova o "Taiwan Relations Act" em 10 de abril de 1979. O ato demonstra a seriedade que Casa Branca encara o compromisso com Taiwan, mas é ambíguo em termos de qual seria a resposta no caso de uma agressão chinesa. As relações norte americanas com Taiwan passam a ser não mais pelas vias diplomáticas tradicionais, tornando-se um raro caso em que Washington estabelece relações de defesa com outro ente estatal através de uma organização privada, o *The American Institute in Taiwan*, que na prática era responsável pelos intercâmbios comerciais, culturais e de defesa (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

Nos anos 1980, estava claro que a parceria Washington – Taipei não era mais calcada na contenção do comunismo, tratava-se principalmente de um vínculo de compromisso com um antigo aliado, até que mudanças internas em Taipei e novas preocupações com Pequim reacendem o interesse norte americano pela ilha (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

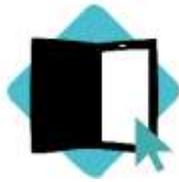
#### 4. Democracia em Taipei e Lei Antissecessão

Havia na China a expectativa que a unificação com Taiwan viria através de aproximações políticas e econômicas graduais, até que no começo dos anos 1990 Taiwan anuncia o seu processo de democratização. O processo despertou o temor por líderes chineses de que um dos maiores partidos políticos, o Partido Progressista Democrático (DPP), tivesse intenções independentistas da China continental. Tivessem ou não anseios separatistas, algumas ações do partido no poder levaram Pequim a acreditar que esse era o caminho almejado e que estava paulatinamente a ser implantado pelas lideranças de Taipei. Para frear o processo em curso e dissuadir Taipei do seu intento, a China inicia no final dos anos 1990 o processo de modernização dos seus equipamentos militares e codifica essa resolução politicamente através da Lei Antissecessão<sup>4</sup> de 2005 que visava a manutenção da unidade territorial. (BUSH, 2016).

Com a promulgação da Lei Antissecessão de 2005, os artigos 8 e 9 da lei estipulam que caso as possibilidades de reunificação pacífica sejam exauridas, a China tem a possibilidade de fazer uso de coerção visando proteger sua integridade territorial e soberania através de meios que minimizem os efeitos de vindouras incursões militares (CARRIÇO, 2015)

*“Article 8: In the event that the ‘Taiwan independence’ secessionist forces should act under any name or by any means to cause the fact of Taiwan’s secession from*

<sup>4</sup> Texto completo da Lei Antissecessão adotada na Terceira Sessão do Décimo Congresso Nacional do Povo em 14 de março de 2005. Disponível em: <<http://www.china.org.cn/english/2005lh/122724.htm>>.



*China, or that major incidents entailing Taiwan's secession from China should occur, or that possibilities for a peaceful reunification should be completely exhausted, the state shall employ non-peaceful means and other necessary measures to protect China's sovereignty and territorial integrity. The State Council and the Central Military Commission shall decide on and execute the non-peaceful means and other necessary measures as provided for in the preceding paragraph and shall promptly report to the Standing Committee of the National People's Congress.*

*Article 9: In the event of employing and executing non-peaceful means and other necessary measures as provided for in this Law, the state shall exert its utmost to protect the lives, property and other legitimate rights and interests of Taiwan civilians and foreign nationals in Taiwan, and to minimize losses. At the same time, the state shall protect the rights and interests of the Taiwan compatriots in other parts of China in accordance with Law 170".*

A Lei articula com maestria a diplomacia coercitiva com a determinação crível e legítima juridicamente de utilização do poder militar cumprindo três objetivos específicos (CARRIÇO, 2015):

- (1) Dissuadir os separatistas taiwaneses;
- (2) Justificar internamente uma eventual ação militar do EPL no Estreito de Taiwan;
- (3) Fornecer uma moldura jurídica explicativa da posição da China face à reunificação de Taiwan, passível de ser empregue como argumento em futuras negociações ou ações.

## **5. A importância de Taiwan para os EUA no pós Guerra Fria**

O fim da Guerra fria derrubou o status de Taiwan como parceiro estratégico de segurança, além de ter elevado o Status da China como parceiro econômico graças a pujança do seu crescimento. Embora seja evidente que para os EUA, seja mais benéfico ter relações com Pequim ao invés de Taipei, simbolicamente, abandonar Taiwan pode afetar a credibilidade norte americana com seus principais parceiros na região, caso de Japão e Coréia do Sul por exemplo. Além disso, de acordo com estrategistas americanos, muito da estabilidade na região depende da presença dos EUA estabelecendo um equilíbrio de poder regional tranquilizando seus aliados que desconfiam do discurso chinês de ascensão pacífica. A presença americana no leste da Ásia não objetiva atrapalhar os planos chineses de reunificação, ou impedir o crescimento chinês, mas sim condicionar a China a buscar seus objetivos de forma pacífica e negociada, esse é o argumento de Washington (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

## **6. Limites da atuação norte americana em eventuais conflitos**

Em 1998 o então Presidente estadunidense, Bill Clinton, afirmou publicamente a política então chamada de “três nãos” em relação à Taiwan. Não apoia a independência de Taiwan; não apoia “duas Chinas” ou “uma China um Taiwan”; não apoia a filiação de Taiwan à organizações internacionais que exijam que seus membros sejam estados soberanos (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

A declaração de independência de Taipei é claramente uma bandeira vermelha para Washington, que se encontraria em uma posição delicada para se engajar militarmente de forma direta num conflito com a China no estreito taiwanês. Esse risco de independência vem crescendo com a mudança geracional que ocorre em Taiwan. Grande parte da população não possui mais identificação com o Kuomintang, que em 1949 estabeleceu o que seria o governo



provisório da República da China em Taipei após a derrota para os comunistas na China continental. Somado a isso há um crescente ressentimento por parte da população nativa de Taiwan com a repressão cultural imposta pelos nacionalistas chineses no período ditatorial do Kuomintang, que claramente privilegiava a população oriunda da China continental na condução política e na imposição de hábitos e costumes. Para essa fatia da população mais jovem e habituada à democracia, a lealdade ao projeto de “Uma China” não é automaticamente assimilável (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

Estrategistas americanos sugerem a abertura de canais de comunicação triangulares entre Washington, Pequim e Taipei, mas o não reconhecimento de Taiwan como estado perante a maioria da comunidade internacional e a não participação da ilha em organizações internacionais dificultam a aproximação. Por não ter relações diplomáticas oficiais com a ilha, o próprio engajamento direto norte americano com Taipei pode gerar tensões diplomáticas com a China que podem fugir de controle em caso de erros de cálculo de uma das partes (BERGSTEN; FREEMAN; LARDY; MITCHELL, 2009).

## CONCLUSÃO

Neste artigo pôde-se observar os desafios contidos nos documentos estratégicos de defesa da China em relação à persecução da política de “Uma China” concatenados à visão de “mundo harmonioso” e de “ascensão pacífica”, principalmente nesse momento em que o país reduz a passos largos a histórica disparidade de poder militar com os EUA, ao menos no que diz respeito a questão regional, no leste da Ásia.

Do lado norte americano há também o desafio simbólico de não abandonar Taiwan, e destruir sua credibilidade como parceiro de longo prazo junto aos demais aliados do leste asiático que oferecem um contraponto geopolítico face o dragão chinês, como Japão e Coreia do Sul.

É notável que do ponto de vista do softpower, ter uma democracia vibrante e economicamente pujante tão próximas da China continental pode gerar por si uma instabilidade no gigante contaminando mesmo que indiretamente sua população com os anseios de uma sociedade aberta, com maiores liberdades individuais. Além disso, as mudanças geracionais em Taipei podem levar a população mais jovem que já nasceu no período democrático e não presta nenhuma lealdade aos valores do Kuomintang, a buscar com maior afinco a independência da ilha.

É possível concluir, a partir da análise dos interesses vitais e nacionais divulgados nos documentos de defesa chineses, uma possível tentativa de secessão de Taipei é inegociável, pois fere o coração da política de ‘Uma China’. Uma situação como essa poria Pequim e Washington em uma situação bastante complicada diplomamente, mesmo que o EUA, desde o pronunciamento de Bill Clinton e a chamada política de “três não” em relação à Taiwan deixe claro o não apoio estadunidense a um eventual movimento separatista na ilha.

O mais provável porém, é que ao se sentir mais confiante em relação às suas capacidades militares e caso haja sinais de hesitação por parte da Casa Branca, Pequim inicie uma escalada para aumentar gradativamente a sua influência política e econômica em Taipei. Inicialmente de maneira pacífica, mas que pode levar a pressões sobre Taipei que provoquem os ânimos da população taiwanesa. Essa perspectiva é assentada no conteúdo descrito na ‘fase de modelação’ do seu projeto de desenvolvimento pacífico, em que a China deve iniciar o processo de recuperação de todos os ‘territórios perdidos’ visando superar em definitivo o ‘século de humilhação’ projetando seu poder regionalmente de forma inequívoca, estando o



tempo a favor dos chineses.

## **REFERÊNCIAS**

BERGSTEN, C. Fred; FREEMAN, Charles; LARDY, Nicholas R; MITCHELL, Derek J. CHINA'S RISE: CHALLENGES AND OPPORTUNITIES (PAPER): **PETERSON INSTITUTE FOR INTERNATIONAL ECONOMICS (PIIE)**. 2009.

BUSH, Richard. The United States Security Partnership with Taiwan: **ASIAN ALLIANCES WORKING PAPER SERIES PAPER 7 | JULY 2016**.

CARRIÇO, Alexandre. A Diplomacia Militar da China: Tipologia, Objetivos e Desafios: **Instituto da Defesa Nacional**. Lisboa Fevereiro de 2015.

GARON, C. A China e sua vizinhança. **Cadernos de Política Exterior**, v. 3, p. 121–140, 2016.

KANE, Thomas M.. CHINESE GRAND STRATEGY and MARITIME POWER: Published 2016 by Routledge. 2 Park Square, Milton Park, Abingdon, Oxon OX14 4RN  
711 Third Avenue, New York, NY 10017 USA.